



Gatekeeper e gatewatching – repensando a função de selecionador no webjornalismo¹

Carolina Teixeira Weber²
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação modifica as práticas jornalísticas em vários aspectos: na estrutura das organizações, no acesso à informação e às fontes, no tratamento das mensagens e na relação com o público. Principalmente nesta primeira década do século XXI, observamos que diversas teorias clássicas do jornalismo são repensadas com foco nessas mudanças. A partir disso, este artigo discute os processos de *gatekeeping* e *gatewatching* no webjornalismo e propõe uma reflexão sobre o papel de selecionador do profissional no cenário dos meios digitais online de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: *gatekeeping*, *gatewatching*, webjornalismo participativo

INTRODUÇÃO

A internet trouxe mudanças irreversíveis para a prática jornalística - tanto no acesso à informação como, entre outros aspectos, na forma e natureza do conteúdo noticioso, na estrutura das redações e na relação entre jornalistas, organizações, público e fontes. Conseqüentemente, isso acarreta numa mudança de perfil do profissional.

O jornalismo sempre possuiu uma estreita relação com os potenciais e limitações do aparato tecnológico. Segundo Aldé e Chagas (2005), os jornalistas, inseridos em um ambiente de trabalho onde a internet está sempre disponível, “em frente aos monitores conectados da redação, (...) passam a funcionar de acordo com a lógica do meio, baseada na interatividade, acessibilidade e atualização constantes” (ALDÉ e CHAGAS, 2005, pg. 3-4). E as transformações tecnológicas que mudam as formas de produção e transmissão de conteúdo também modificam as exigências e habilidades dos que realizam esse trabalho.

Para atender a essas mudanças, os jornalistas precisam lançar mão de um leque cada vez maior de conhecimento.

Os ciberjornalistas devem contar com uma formação que contemple conhecimentos suficientes sobre como funciona a sociedade (ciências sociais e humanas), sobre os diversos

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR) da UFSC, email: caroltweber@gmail.com



aspectos da comunicação e suas bases científicas, sobre a perceptiva jornalística e as técnicas de produção, sobre as estratégias de divulgação do conhecimento, sobre as ferramentas de trabalho, sobre os efeitos da mensagem... o básico permanece, porém o contexto e as ferramentas mudaram. E os perfis dos novos profissionais devem responder a essa realidade. (LÓPEZ *et al.*, 2007, pg. 59)³

Se antes as funções dos profissionais de rádio, TV e imprensa se diferenciavam pela utilização de ferramentas distintas, hoje, com a convergência de mídias, essas funções se misturam – em um só aparato, o computador, pode-se escrever um texto, editar um vídeo, gravar o áudio para uma reportagem e ainda disponibilizar tudo isso na rede. É preciso conhecer e manipular diferentes linguagens, pois a internet unifica, em uma só plataforma, várias mídias, dando lugar à produção de conteúdos cada vez mais multimídia e interativos. Tal diversificação de tarefas apresenta uma preocupação no que diz respeito à perda de qualidade do produto informativo. Mesmo assim, a tendência é que os jornalistas realmente dominem tais ferramentas, ainda que não precisem ser especialistas, pois devem contar com o suporte de técnicos dentro da redação.

Neste contexto, a tendência que se verifica hoje é a convergência de redações impressa e digital. Para Salaverría e Avillés (2008), a convergência jornalística pode ser definida como

Um processo multidimensional que, facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desregulados, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma. (SALAVERRÍA E AVILLÉS, 2008, pg. 35)

Combinando tecnologias, produtos, profissionais e espaços entre âmbitos anteriormente separados, a convergência nos meios digitais supõe ainda a utilização de plataformas tecnológicas, como as dos blogs e redes sociais. Além de inserir notícias no

³ No original: “Los ciberperiodistas deben contar con una formación que contemple suficientes conocimientos sobre cómo funciona la sociedad (ciencias sociales y humanidades), sobre los distintos aspectos de La comunicación y sus cimientos científicos, sobre la preceptiva periodística y las técnicas de producción, sobre las estrategias de divulgación del conocimiento, sobre las herramientas de trabajo, sobre los efectos del mensaje... Lo básico permanece, pero el contexto y las herramientas han cambiado. Y los perfiles de los nuevos profesionales deben responder a esa realidad”.



site do veículo onde trabalha, o profissional ainda pode se utilizar de ferramentas para distribuição de conteúdo como os blogs, o *Twitter*, *Orkut* e outras mídias sociais. A rapidez da informação, a especificidade de linguagem nesses meios e a possibilidade de um diálogo mais direto com o leitor (que colabora com opiniões e até mesmo serve como fonte) são outros fatores que modificam as rotinas produtivas. Tudo isso para atender a uma audiência exigente, participativa, global.

Os jornalistas do século XXI já vêm sendo preparados desde as universidades que, para atender a mudança de hábitos e expectativas do mercado, incluem em suas matrizes curriculares disciplinas sobre jornalismo e as novas mídias. O desafio é preparar estes novos profissionais não apenas para manusear o aparato técnico, mas para lidar com a abundância de informação e processos de produção cada vez mais acelerados.

Segundo López *et al* (2007), o perigo está na utilização que as empresas jornalísticas vêm a fazer dessas capacidades do profissional, tornando-o um jornalista multiusos. Pois uma das consequências mais diretas do atual cenário de convergência das redações é o aumento de tarefas que competem ao jornalista, uma vez que, apesar da maior demanda de trabalho, os jornais tendem a manter o mesmo número de pessoal para executar cada vez mais atividades.

Diante deste cenário de contínua transformação das práticas, relacionada diretamente com o desenvolvimento das tecnologias da comunicação, principalmente nesta primeira década do século XXI, observamos que diversas teorias sócio-científicas e normativas do jornalismo são repensadas com foco nessas mudanças. A partir disso, trazemos neste artigo uma breve discussão sobre os processos de *gatekeeping* e *gatewatching* e propomos uma reflexão sobre o papel de selecionador do profissional jornalista contemporâneo no cenário dos meios digitais online de comunicação.

NOVAS RELAÇÕES COM O PÚBLICO

No jornalismo mediado por televisão, rádio ou jornal, existe uma contradição inata entre produção e recepção, pois o sistema produtivo define os papéis, tanto na divisão do trabalho quanto na separação entre quem lê (escuta ou assiste) e quem escreve ou fala. Primo e Träsel (2006) consideram que diversas vozes atravessam qualquer texto jornalístico. Antes do webjornalismo, a participação já ocorria através de cartas e ligações. Porém, estes recursos tinham alcance muito limitado – as seções de “cartas do leitor”, por exemplo, ocupam pequeno espaço nos jornais. Outra dificuldade



está na necessidade de utilizar outro meio para envio (não se pode enviar dúvidas e críticas através da televisão), que acaba por desestimular a participação.

Segundo Canavilhas (2001), afirmar que “a rádio diz, a televisão mostra e o jornal explica não é mais do que constatar que cada meio tem as suas próprias linguagens”. A internet, ao possibilitar o uso do texto, som e imagem também terá uma linguagem própria, “baseada nas potencialidades do hipertexto e construída em torno de alguns dos conteúdos produzidos pelos meios existentes”. Por sua vez, o jornalista “passa a ser um produtor de conteúdos multimídia de cunho jornalístico – webjornalista” (CANAVILHAS, 2001, pg. 2). Também para o usuário a forma de consumir informação se torna uma experiência nova, e tampouco é possível defini-lo como somente leitor, espectador ou ouvinte, uma vez que a webnotícia é integradora de elementos multimídia e exige uma leitura multilinear.

O uso dos recursos interativos e multimídia, quando bem utilizados, podem facilitar, e muito, a percepção da mensagem. Servem não só para complementar informação, mas para oferecer uma visão mais global de um acontecimento. Por exemplo, um infográfico em *flash* acerca de um acidente de avião, do qual não existem imagens ou o áudio do canto de um pássaro raro proporcionam uma experiência mais completa ao nível da comunicação. Entretanto, tais recursos não devem ser utilizados sem cautela, uma vez que podem servir apenas para criar redundâncias. Daí o desafio para o profissional em produzir mensagens que sejam ao mesmo tempo eficientes e atrativas para os usuários da rede.

Para incitar a participação do leitor/usuário existem recursos variados nos jornais online: da disponibilização do email do jornalista, o espaço para comentários abaixo das matérias até os blogs, que podem funcionar como fóruns de discussão direta com o autor. “No webjornalismo a notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria. Deve funcionar apenas como ‘o tiro de partida’ para uma discussão com os leitores” (CANAVILHAS, 2001, pg. 3).

Contudo, é preciso não superestimar o poder da participação do público no processo de produção noticiosa. Os recursos para diálogo entre emissor/receptor evoluíram, sim; no entanto, permanecem com suas limitações. Como afirma Silveira (2009),

(...) a abertura de novas formas de interação entre público e jornalistas nem sempre representa uma relação dialógica ou um processo de interação mútuo. As relações de poder existentes fora da rede são também transpostas para o mundo online. Os



níveis de decisão que envolvem a publicação, a angulação, a edição e seleção do conteúdo ainda permanecem na redação do jornal online. Assim, a participação e interação do leitor seguem determinadas, filtradas e monitoradas por jornalistas profissionais (SILVEIRA, 2009, pg. 11).

Por outro lado, alguns sites noticiosos só existem com a colaboração de usuários, como *Ohmy News*, *Digg*, *Overmundo*, *Slashdot*, *CMI* (Centro de Mídia Independente), entre outros. Apesar de contar apenas com a contribuição do público para agregar informação, em todos eles o material recebido passa por um processo de seleção e edição – no caso do *Ohmy News*, uma equipe de jornalistas faz essa mediação; já no *Slashdot* os próprios usuários tornam-se mediadores. Veículos tradicionais também abrem espaço para a participação do leitor/usuário como produtor da notícia, em exemplos como *Vc Repórter*, do Portal Terra ou *Foto Repórter*, da Agência Estado. Casos como estes constituem o chamado webjornalismo participativo.

Segundo Primo e Träsel (2006), neste processo o leitor/usuário é integrado ao processo de produção noticiosa como nunca antes. Os autores vão definir webjornalismo participativo como as “práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na Web, onde a fronteira entre produção e leitura de notícias não pode ser claramente demarcada ou não existe” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, pg. 10). Alguns outros termos utilizados para designar o material (notícias, reportagens, audiovisuais, imagens) produzido por qualquer usuário e distribuídas no ciberespaço são jornalismo cidadão, jornalismo participativo, *grassroots journalism* e jornalismo *open source* (de fonte aberta).

Estas práticas são estimuladas principalmente por fatores apontados pelos autores como maior acesso à Internet e simplificação de interfaces para publicação e cooperação online; popularização de câmeras digitais e telefones celulares; discursos em defesa da livre circulação da informação (“*filosofia hacker*”); insatisfação com os veículos jornalísticos e heranças da imprensa alternativa (PRIMO E TRÄSEL, 2006).

Essa abertura da mídia à colaboração do público e a constituição desta nova forma de jornalismo exigem um repensar de conceitos clássicos da profissão, assim como do próprio papel do jornalista diante de novos processos interativos.

DE SELECIONADOR À GESTOR DA INFORMAÇÃO



“O jornalista não é essencialmente o homem que busca as notícias, mas o que as seleciona. Se pode considerar que a cada notícia que publica, coloca nove no lixo”⁴, diz Gomis (1991, pg. 76) em relação à função do jornalista como *gatekeeper*.

A teoria do *gatekeeper* surgiu nos anos 50, aplicada por David Manning White em um artigo publicado na revista *Journalism Quarterly* - a mais antiga revista acadêmica sobre estudos jornalísticos. White foi o primeiro pesquisador a utilizar o termo para o jornalismo. A palavra refere-se à pessoa que toma decisões e foi originalmente introduzido pelo psicólogo Kurt Lewin, em uma pesquisa publicada em 1947 acerca das decisões domésticas em relação à compra de alimentos para casa. Apesar de suas limitações, esta teoria ainda tem muita força na pesquisa da área.

Para aplicar o conceito ao jornalismo, White partiu basicamente de duas premissas: que a difusão de notícias se faz através de canais ou cadeias e que nessas cadeias existem alguns pontos, portas ou diques por onde as notícias podem passar ou ficar retidas (WHITE, 1973).

Nos estudos do *gatekeeping* o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões” – áreas de decisão em relação às quais o jornalista tem que decidir o que vai ser publicado como notícia ou não. “Se a decisão for positiva, a notícia acaba de passar pelo ‘portão’; se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua ‘morte’ porque a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação” (TRAQUINA, 2005, pg. 150). Ou ainda, de acordo com McQuail (1972 *apud* GOMIS, 1991, pg. 81) o *gatekeeper* é quem tem direito de decidir se uma notícia vai ser transmitida ou retransmitida de uma maneira ou de outra.

Alsina (2009) destaca que “*gatekeeper* tem sido traduzido de muitas formas: porteiro, guarda-cancela, guarda-barreira” e propõe como tradução mais adequada “selecionador”, pois considera “que se ajusta muito mais à função comunicativa que ilustra” (ALSINA, 2009, p. 214).

O estudo de caso realizado por White baseia-se na pesquisa sobre a atividade de um jornalista norte-americano de meia-idade, “Mr. Gate”, que anotou durante uma semana os motivos que o levaram a rejeitar as notícias que não usou. Após detalhar as características pessoais do *gatekeeper*, do contexto e do veículo, White procura definir as razões pelas quais ele faz suas escolhas e chega à conclusão de que elas são baseadas

⁴ No original: “el periodista no es esencialmente el hombre que busca las noticias, sino el que las selecciona. Se suele considerar que por cada noticia que publica, tira nueve a la papelera”



em critérios extremamente subjetivos e dependentes de juízos de valor conforme a experiência e as expectativas do *gatekeeper*.

Estudos subsequentes contestaram essas conclusões. Wolf (1987, p. 206) diz que “o mérito dessas primeiras pesquisas é o fato de ter sido descoberto *onde, e em que pontos do aparato a ação do filtro é exercida explícita e institucionalmente*”. A teoria do *gatekeeper* demonstra suas limitações pois analisa as notícias somente a partir de quem as produz – o jornalista; assim “é uma teoria que privilegia apenas uma abordagem micro-sociológica, ao nível do indivíduo, ignorando por completo quaisquer fatores macro-sociológicos, ou mesmo, micro-sociológicos como a organização jornalística” (TRAQUINA, 2005, pg. 151). Portanto, nesses primeiros estudos, a teoria não leva em conta o fato de o profissional estar inserido em uma organização, oferecendo uma explicação quase que exclusivamente psicológica. De acordo com Alsina (2009):

A principal crítica que poderia ser-lhe feita é que o procedimento de seleção e a elaboração de notícias não devem ser considerados como fases isoladas, mas como o resultado da interação de vários agentes: as fontes de informação, o público e o jornalista como membro de uma organização que impõe uma modalidade de produção. (ALSINA, 2009, pg. 216)

Os estudos seguintes sobre o papel do jornalista como *gatekeeper* já mostram que as normas e constrangimentos organizacionais prevalecem na seleção e filtragem de notícias em relação às preferências pessoais. Breed (1955/1993) estudou o controle social nas redações, aumentando a perspectiva das pesquisas anteriores, analisando os mecanismos de manutenção da linha editorial e política dos veículos. Verificou então que o profissional se conforma com as normas já existentes, independente de suas convicções.

As pesquisas que sucederam às de Breed apontam para a necessidade de integrar a análise do papel de selecionador na análise dos papéis produtivos e da organização da qual faz parte. Nas conclusões da investigação realizada com dezesseis jornalistas com as mesmas responsabilidades que “Mr. Gates”, Gieber (1956 apud TRAQUINA, 2005) reafirma que o fator predominante sobre o trabalho jornalístico é o peso da estrutura burocrática da organização e não as avaliações pessoais do jornalista que, segundo o autor, “raramente” entram no processo de seleção.

Efetivamente, a seleção e a hierarquização dos fatos se dão baseadas no que se convencionou chamar *valores-notícia*, características que devem ter os acontecimentos



para fazer parte da agenda da mídia. Scalonilla (2007) elenca como principais valores os seguintes:

1. Atualidade: proximidade temporal com o momento da recepção. A atualidade máxima é a simultaneidade – coincidência entre o momento em que acontece o fato e a recepção.

2. Importância: Relevância ou notoriedade do fato, motivado por diversos fatores, como número de pessoas envolvidas, impacto sobre a região, consequências futuras, significação do fato, notoriedade das pessoas envolvidas ou da fonte de informação.

3. Novidade: conhecimento novo para a audiência (fatos não conhecidos, detalhes descobertos)

4. Proximidade geográfica ou cultural (temática) em relação à audiência.

5. Interesse potencial para a audiência motivado pelo extraordinário de um fato, o dramático, conflitivo, mórbido...

Assim, o papel do *gatekeeper* é de grande importância, porque dele depende o fluxo da informação, e ele é quem irá decidir, silenciosa e inapelavelmente, se uma notícia se dá ou não se dá;

Mas ao mesmo tempo o *gatekeeper* é um personagem obscuro e anônimo, que pode estar mais acima ou mais abaixo na escala hierárquica de um veículo, ou que pode estar trabalhando no lugar de outro porque o outro está de férias. A diversidade de pessoas, situações e momentos não são previsíveis e o mais curioso no processo de *gatekeeper* é que o resultado não se difere muito se quem ocupa o lugar na mesa é Fulano ou Beltrano. Os diversos veículos, trabalhando independentemente, tendem a selecionar as mesmas notícias.⁵ (GOMIS, 1991, pg. 82)

Para entender o trabalho do *gatekeeper*, é útil pensar em como operamos no nosso *gatekeeping* cotidiano, o que contamos ou deixamos de contar, como influenciamos na conversação corrente e nos adaptamos a ela. “O que passa na mídia é

⁵ No original: “Pero al próprio tiempo el *gatekeeper* es un personaje oscuro y anónimo, que puede estar más arriba o más abajo em la escala jerárquica de un medio, o que puede estar trabajando en el lugar de outro porque el outro está de vacaciones. La diversidad de personas, situaciones y momentos no se advierte sin embargo y lo más curioso del *gatekeeper* es que el resultado no difiere mucho de que una mesa la ocupe Fulano o Mengano. Los diversos medios, trabajando independentemente, tienden a seleccionar las mismas noticias”.



o que se passa na sociedade, o que se passa na sociedade é o que passa na mídia” (GOMIS, 1991, p. 87)⁶.

Alguns estudos recentes projetam o fim de tradicionais modelos jornalísticos, enquanto outros reforçam a importância cada vez maior do profissional para colocar ordem na saturação informacional que temos hoje com a internet. Há quem defenda, por exemplo, que o papel de *gatekeeper* do jornalista acaba no momento em que os leitores têm acesso direto às fontes pois, dessa forma, a função de “porteiro” passa do profissional para o usuário. Segundo Pinto e Sousa (1998), a função do jornalista como filtro do material informativo fica condicionada devido a entrada de mecanismos que possibilitam qualquer usuário publicar informação, por isso “quando a internet proporciona um alargamento do espaço de divulgação e acesso à informação, é a função de *gatekeeper* do jornalista que fica comprometida”. Já López *et al* (2007) afirma que

O papel de selecionador, vigilante ou guarda-barreiras no sistema digital não recai exclusivamente na organização ou no jornalista. O usuário tem muitas mais possibilidades de recusar o filtro que exerce o profissional da informação, já que pode eleger suas próprias fontes.⁷ (LÓPEZ *et al*, 2007, pg. 67)

Ao mesmo tempo em que a internet pode acarretar a perda do monopólio de gestão da informação pelas empresas noticiosas, também traz sérios problemas ao nível da recepção dessa informação por parte do público. Assim, o papel de *gatekeeper* pode ser adaptado ao ambiente virtual, pois mesmo com uma grande quantidade de informação disponível, os leitores não dispõem de tempo nem de formação necessária para filtrar o que é relevante, importante e/ou verídico. Talvez seja essa uma das atuais funções dos jornalistas: filtrar a informação na rede. “Os órgãos de comunicação social poderiam ser as portas de entrada na Internet para quem está interessado em informação credível e útil” (PINTO E SOUSA, 1998). Pode-se pensar na assinatura do profissional ou do veículo de comunicação como um selo de qualidade e credibilidade para a informação encontrada na rede.

Os jornalistas dos veículos online podem passar muito mais tempo dentro das redações do que na rua, apurando notícias. Porém, segundo Pereira (2004), o fato de

⁶ No original: “Lo que pasa em los medios es lo que pasa en la sociedad, lo que pasa en la sociedad es lo que pasa em los medios”

⁷ No original: “El papel de seleccionador, vigilante o guardabarreras en el sistema digital no recae exclusivamente en la organización o/y el periodista. El usuario tiene muchas más posibilidades de rechazar el filtro que ejerce el profesional de la información ya que puede elegir sus propias fuentes”.



passar mais tempo na redação transformando informações provenientes de fontes externas em notícia não descaracteriza o trabalho do profissional como jornalismo.

a dimensão midiática da internet pode ser entendida como um campo de atuação eminentemente jornalístico. Essa conquista pode ser entendida pela fluidez das fronteiras que delimitam a identidade do jornalista que lhe permite apropriar novas tecnologias para dentro do seu campo profissional de acordo com seus interesses. (PEREIRA, 2004, pg. 104)

O mesmo autor ainda diz que “ao selecionar dentre uma infinidade de informações disponíveis – quer na internet, nas agências disponibilizadas pelas assessorias – quais devem ser publicadas como notícias” (PEREIRA, 2004, pg. 96), enfim, a produção geral para a internet, é desempenhar a função de *gatekeeper*, pois “os ‘porteiros’ contribuem, assim, para moldar a imagem que o receptor tem de sua sociedade e de seu mundo.” (KUNCSIK, 1997, pg. 237 *apud* PEREIRA, 2004, pg. 97).

Outro fator pelo qual se questiona a força da teoria do *gatekeeper* aplicada às redações online é a ausência da limitação de tempo e espaço, cruciais para a escolha das notícias nas mídias tradicionais. Se não existem limites de espaço, tudo (ou quase) pode ser publicado. Bruns (2005) vai reconhecer que no ciberespaço o processo de *gatekeeping* tem pouca força explicativa. Isso porque na web o poder de decisão estaria tanto nas mãos dos produtores, que nem sempre são jornalistas (já que qualquer usuário pode publicar conteúdo na web), assim como no usuário final, que ao navegar na web age como seu próprio *gatekeeper*, sem necessariamente percorrer os veículos tradicionais de mídia. Esse termo é estreitamente relacionado com o caráter mais colaborativo, interativo e participativo do jornalismo no ciberespaço.

O autor aponta um possível enfraquecimento do papel do jornalista na web, passando de alguém que busca os fatos, como o repórter, para alguém que procura coletar o máximo de documentos e links externos para direcionar o público aos assuntos de acordo com seu interesse, como um bibliotecário. Por isso, *gatewatcher* seria sua definição mais adequada, pois

Eles observam o material que está disponível e é interessante, e identificam as novas informações ser úteis com objetivo de canalizar este material para atualizar e estruturar notícias que possam apontar direções para conteúdos de relevância e outras partes do material selecionado ⁸(BRUNS, 2005, pg. 18)

⁸ No original: “They observe what material is available and interesting, and identify useful new information with a view to channeling this material into structured and up-to-date news reports which may include guides to relevant content and excerpts from the selected material”



Assim, o jornalista seria um observador dos portões de saída de veículos tradicionais e não tradicionais, buscando informação relevante assim que ela se torna disponível para direcionar o leitor/usuário. De papel de porteiro, o jornalista passaria para uma espécie de vigia. A estrutura hipertextual da webnotícia vai favorecer o acesso do público às fontes primárias – por exemplo, em vez de resumir todos os pontos de um documento, o jornalista pode simplesmente disponibilizar um link para que o usuário acesse o documento completo/original. Segundo Primo e Träsel (2006), baseando-se nesta teoria, “devido à quantidade de informação circulando nas redes telemáticas, cria-se a necessidade de avaliá-la, mais que descartá-la”.

Pérez-Luque y Foronda (2007) apontam para a manutenção dos esquemas tradicionais de seleção e tratamento da informação, porém adaptados a uma nova situação: 1. O leitor/usuário toma um papel ativo na seleção e hierarquização de conteúdos graças à multidirecionalidade atualizada e contínua da informação; e 2. Evita-se a saturação de mensagens sem interesse para o usuário, assim como a descontextualização dos conteúdos e das notícias que chegam diariamente ao público.

Já Escalonilla (2007) também atenta para as especificidades do meio digital, e afirma que a rede é um espaço privilegiado para o jornalismo, pois pode alcançar mais públicos, porém essa mesma característica modifica alguns critérios de notibicalidade aplicados tradicionalmente.

No entanto, que se tenha que seleccionar não quer dizer que se faça exatamente igual a uma mídia convencional, pois a exigência de adequar os fatos e temas eleitos às peculiaridades do meio introduz certas mudanças no processo de seleção. Em primeiro lugar há que se perceber que a internet e o mundo virtual carecem de fronteiras, de modo que seu âmbito de difusão é mundial. Dessa característica dos meios online surge uma contradição no momento de aplicar os critérios de proximidade geográfica e cultural, contradição que a prática profissional tem resolvido com a especialização jornalística, como no cenário real, criando publicações de acordo com critérios locais ou temáticos, para públicos concretos, ou criando seções diferenciadas em função de espaços distintos de difusão enquanto os meios são generalistas.⁹ (ESCALONILLA, 2007, pg. 191-192)

⁹ No original: “Ahora bien, que se tenga que seleccionar no quiere decir que se haga exactamente igual que en un medio convencional, pues la exigencia de adecuar los hechos y temas elegidos a las peculiaridades del medio introduce ciertos cambios en el proceso de selección. Y en primer lugar hay que advertir que internet y el mundo virtual carecen de fronteras, por lo que su ámbito de difusión es mundial. Esta característica de los medios online plantea una contradicción a la hora de aplicar la proximidad geográfica y cultural, contradicción que la práctica profesional ha solventado con la especialización periodística, como en el escenario real, creando publicaciones en razón de criterios locales o temáticos,



Além da proximidade, ainda segundo a autora, outro desafio para o jornalismo digital é gerenciar a periodicidade, que sofre uma mudança radical em relação aos meios impressos, e se aproxima mais à simultaneidade. Também mudam as estratégias de hierarquização da informação - os elementos utilizados para chamar a atenção para uma notícia serão o som, a imagem em movimento e os recursos hipertextuais. Dessas especificidades surge um novo profissional – o “provedor de conteúdos (...), encarregado não tanto de gerar informação mas de seleciona-la e coloca-la à disposição de uma audiência cada vez mais diversificada e personalizada”. E conclui: “o jornalista, então, se converte em um grande ajudante para encontrar os conteúdos de interesse, permitindo ao internauta navegar pela rede sem naufragar¹⁰” (ESCALONILLA, 2007, pg. 193).

Deixando de lado as previsões radicais de que a profissão do jornalista estaria próxima do fim, segundo López *et al* (2001), é verdade que o usuário tem a chance de recusar o filtro que exerce o profissional da informação, já que pode eleger suas próprias fontes. Contudo, a abundância de informação disponível acaba por tornar imprescindível a atuação de mecanismos de seleção, no caso, os jornalistas. “Apesar de ser o usuário quem seleciona os temas, segue-se reclamando a experiência do jornalista para sair da desorientação criada pela avalanche de informações na rede”¹¹ (PÉREZ-LUQUE e FORONDA, 2001 *apud* LÓPEZ *et al*, 2007, pg. 67).

O que não se pode negar é que a atividade passa por reformulações. No jornalista multimídia do século XXI, confluem, na opinião de Ramón Salaverría (2000), os papéis de criador de conteúdos e de gestor:

O emaranhado de conteúdos da internet, para qualquer usuário inexperiente, reclama profissionais especializados em criar mas também em analisar e hierarquizar a informação. Por isso, uma das mudanças principais consistirá provavelmente em mudar o modelo tradicional de ensino, que visa à formação dos futuros jornalistas em habilidades profissionais dirigidas para enfrentar a escassez da informação para um outro modelo em que se forme jornalistas para enfrentar a superabundância de informação. Com a internet, o problema já não é encontrar

para públicos concretos, o creando secciones diferenciadas em función de distintos ámbitos de difusión cuando los médios son generalistas”.

¹⁰ No original: “provedor de conteúdos (...), encargado no tanto de generar información sino de seleccionarla y ponerla a disposición de una audiencia cada vez más diversificada y personalizada (...) el periodista, entonces, se convierte en una gran ayuda para encontrar los contenidos de interés, permitiendo al internauta navegar por la red sin naufragar”.

¹¹ No original: “A pesar de ser el usuario quien selecciona los temas, se sigue reclamando la experiencia del periodista para salir de la desorientación que crea la avalancha de informaciones de la red”



informação, mas sim distinguir entre o significativo e o irrelevante.¹² (SALAVERRÍA, 2000)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As inovações tecnológicas que interferem e provocam transformações no cotidiano dos jornalistas exigem um repensar das teorias clássicas da área. A teoria do *gatekeeper* é uma das que mais convidam à reflexão e investigação.

Hoje o leitor/usuário assume uma postura ativa frente aos meios de comunicação, por um lado, na escolha do que e quando ler; por outro, na própria produção das notícias. Espaços disponibilizados pelas empresas jornalísticas permitem a interferência, mesmo que limitada, do público no processo noticioso, para sugerir, opinar ou mesmo apontar erros assim que uma matéria é publicada. Por outro lado, a facilidade da publicação de conteúdos na rede, através de ferramentas gratuitas e cada vez mais fáceis de usar, como os blogs, transforma qualquer usuário em escritor, autor, comentarista ou mesmo “jornalista” em potencial. Isso faz com que seja questionado o papel do profissional jornalista num contexto onde todos os que estão conectados à internet podem buscar suas próprias fontes, pautar sua própria agenda, ir direto aos temas que mais interessam.

É questionado se meios mais interativos, sem limites de espaço e em tempo real poderiam dar fim à noção de selecionador do jornalista. Ou, pelo contrário, o excesso de informações disponibilizadas pelas mais diversas fontes torna ainda mais necessário o trabalho do profissional para, além de selecionar, interpretar e certificar a confiabilidade das informações. As informações veiculadas por pessoas não-capacitadas podem merecer a confiança dos leitores/usuários, mesmo sem o “selo de qualidade” de uma organização jornalística já legitimada? Até que ponto a participação do leitor/usuário, como fonte, crítico ou colaborador modifica as rotinas produtivas?

Diversas questões como estas são objeto de investigação no campo do jornalismo, porém ainda existem muitas lacunas nas pesquisas sobre o impacto das novas tecnologias midiáticas na profissão e o quanto elas influenciam na mudança das práticas e do perfil do jornalista. Além da pesquisa empírica, a revisão crítica dos

¹² No original: “La maraña de contenidos que supone Internet para cualquier usuario inexperto reclama profesionales especializados en crear pero también en analizar e jerarquizar la información. Por eso, uno de los cambios principales consistirá probablemente en mudar el modelo tradicional de enseñanza, consistente en formar a los futuros periodistas en destrezas profesionales dirigidas a enfrentar la escasez de información, hacia otro modelo en el que se forme a los periodistas para enfrentarse a la superabundancia de información. Con internet, el problema ya no es encontrar información, sino distinguir entre lo significativo y lo irrelevante.”



conceitos clássicos do jornalismo pode ser um elemento importante para a compreensão desses fenômenos.

As mudanças históricas na prática jornalística estão estreitamente ligadas à evolução das tecnologias de comunicação. No contexto das novas mídias, a função do jornalista como *gatekeeper* não desaparece, porém transforma-se para se adaptar às novas exigências. Com a saturação de mensagens, a qualidade prevalece sobre a quantidade e a presença do profissional para evitar a saturação de mensagens sem interesse e a descontextualização dos conteúdos e das notícias que chegam ao leitor/usuário ainda é necessária. Os jornalistas, como gestores da informação, precisam saber manipular os aparatos técnicos, construir uma base sólida como buscar, organizar e apresentar informação significativa e ainda saber lidar cada vez mais com um público exigente e vigilante. Teorias como a do *gatematching* são válidas para atualizar conceitos adaptados a essa nova realidade jornalística, de caráter cada vez mais participativo, interativo e multimídia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDÉ, Alessandra; CHAGAS, Viktor. **Blog de política e identidade jornalística (transformações na autoridade cognitiva e na relação entre jornal e leitor)**. Trabalho apresentado ao NP 02 – Estudos de Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa INTERCOM. In: V Bienal Ibero- Americana de la Comunicación, Monterrey, México, 2005.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BREED, W. **Controle social na redação. Uma análise funcional**. In: TRAQUINA, N. (Org.) *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993. p.152-156.

BRUNS, Axel. **Gatewatching: collaborative online news production**. Nova York: Peter Lang, 2005.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web**. 2001. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/_esp/autor.php?codautor=602>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2010.

ESCALONILLA, Gloria Gómez. **Gêneros informativos en la redacción periodística hipertextual**. In: JIMÉNEZ, Antonio García e RUBIO, Paloma Rupérez (org.). *Aproximaciones al periodismo digital*. Madrid: Dykinson, 2007.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del Periodismo: Cómo se forma el presente**. Paidós: Barcelona, 1ª Ed, 1991.



LÓPEZ, Xosé; OTERO, Marita; PEREIRA, Xosé; GAGO, Manuel. **El Nuevo profesional y las nuevas profesiones**. In: JIMÉNEZ, Antonio García e RUBIO, Paloma Rupérez (org.). *Aproximaciones al periodismo digital*. Madrid: Dykinson, 2007.

PEREIRA, Fábio Henrique. **O “Jornalista Sentado” e a Produção da Notícia online no CorreioWeb**. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan/jun, 2004.

PÉREZ-LUQUE, Maria José e FORONDA, Mainer Pena. **El reto de crear noticias online. Análisis de la comunicación online actual y perspectivas de futuro**. 2001. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/multidoc/multidoc/revista/cuad6-7/noticias.htm>>. Acesso em: 5 de abril de 2010.

PINTO, Ricardo Jorge e SOUSA, Jorge Pedro. **O futuro incerto da Internet: intercomunicar além do comércio e da publicidade**. 1998. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-futuro_net.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2010.

PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. *Contracampo* (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

RUBIO, Paloma Rupérez. **Reflexiones en torno a una historia del periodismo digital**. In: JIMÉNEZ, Antonio García e RUBIO, Paloma Rupérez (org.). *Aproximaciones al periodismo digital*. Madrid: Dykinson, 2007.

SALAVERRÍA, Ramón e AVILLÉS. **La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo**. In: *Trípodos*, n. 23, Barcelona, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. **Criterios para la formación de periodistas en la era digital**. 2000. Disponível em: <<http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/crite.htm>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2010.

SILVEIRA, Stefanie C. da. **Os cenários de interação do jornal online na web 2.0: mudança ou manutenção do processo comunicacional?** Artigo apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, Curitiba, Setembro 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume I – Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2005.

WHITE, David Manning. **The Gate-keeper Le sélectionneur: étude sur la selection des nouvelles**. In: BALLE, F. e PADIOLEU, J.C. (orgs.). *Sociologie de l’information*. Paris: Larousse, pg. 203-214.